

A força e a responsabilidade do PT

José Genoíno*

O PT, ao completar 24 anos, agrega duas qualidades que consideramos essenciais: a força da vontade política e a responsabilidade da ação. Chegando ao poder, não deixou — e não deixará — de receber os influxos das energias ativas dos movimentos sociais, da juventude, das mulheres, dos negros, dos homossexuais. Esta energia vem de sua história, do sindicalismo, da igreja progressista, dos movimentos de esquerda e dos sobreviventes do regime militar, protagonistas da fundação do partido, e que conferem a ele a capacidade da transformação e da renovação.

No quadro partidário, é o PT quem encarna as esperanças e as perspectivas de transformação da realidade social, econômica e política do Brasil. A idéia da transformação é, ao mesmo tempo, necessária dos movimentos sociais e sonho de juventude.

Nós, dirigentes do PT, lutamos ao longo destes anos para que esta síntese energética do partido não se perca nos meandros do poder, nas imposições do pragmatismo e nas exigências de resultados. Esta luta começou quando elegemos a primeira prefeitura petista, em Diadema, e foi fortalecida por dirigentes como os companheiros Lula, Olívio Dutra, Luiz Gushiken, Rui Falcão e José Dirceu, que presidiram o PT.

A combinação de uma militância forte, calcada nos

movimentos sociais, e dirigentes experientes faz do PT um partido responsável perante a sociedade, sereno diante das dificuldades na busca de objetivos e arrojado no enfrentamento dos grandes desafios.

Ao completar 24 anos de fundação, avaliamos que o PT não se acomodou, mas ampliou sua força na sociedade, a organização interna e sua profissionalização. Faz isso sem deixar de incorporar a força que vem da militância e dos movimentos sociais.

O PT representa grupos economicamente subalternos, socialmente excluídos, trabalhadores e setores da classe média, e amadureceu ao compreender que, para promover as transformações que almeja, é necessário unir forças. Daí o PT percebeu não só o caráter processual das mudanças, mas a necessidade de promover alianças para realizá-las. Para o PT, as alianças não são arranjos fundados em interesses fisiológicos, são a expressão de imperativos programáticos, pelos quais os petistas lutam cotidianamente.

O primeiro artigo do estatuto partidário diz o seguinte: "O PT é uma associação voluntária de cidadãos e cidadãs que se propõem a lutar por democracia, pluralidade, solidariedade, transformações políticas, sociais, institucionais, econômicas, jurídicas e culturais, destinadas a eliminar a exploração, a dominação, a opressão, a desigualdade, a

injustiça e a miséria, com o objetivo de construir o socialismo democrático".

O PT, portanto, é um partido de esquerda. É também de esquerda porque, nas prefeituras, nos Estados e agora na Presidência da República, governa para todos, priorizando as políticas que atendam às necessidades da população excluída e explorada. É este o sentido de programas como o Fome Zero, o Bolsa Família e inúmeros outros programas sociais que marcam governos petistas. O PT é democrático e de esquerda porque faz da ampliação da participação da sociedade nas decisões do poder ou no controle do Estado, um campo de batalha, como o Orçamento Participativo e a criação de conselhos com participação social nas várias esferas de governo.

Hoje, enfrentamos novos desafios, como o de aprofundar nossa relação com o movimento social e estabelecer um debate franco e democrático com a intelectualidade brasileira. Também, pela primeira vez em nossa história, enfrentaremos a disputa das eleições municipais ocupando a Presidência da República. Mais uma vez, poderemos comemorar vitórias, calcadas na experiência acumulada nestes 24 anos, em nossa militância e no sonho de que podemos fazer do Brasil um país efetivamente justo e democrático.

* é presidente nacional do PT



Ouro Preto, 1989 — Comemoração do bicentenário da Inconfidência Mineira e greve dos professores; a pedido de Lula, a foto tornou-se poster em sua antiga sala na sede do DN, em SP

Perguntas de um militante que lê

Pedro Tierra*

Que pergunta fazer a um partido que nasceu como um projeto socialista, democrático e de massas e cresceu sob o fogo cerrado das elites e dos meios de comunicação? Eles, que, a cada encontro ou congresso do PT, decretavam por antecipação: "o PT racha!" Não rachou, mas nunca foi monolítico. Não abriu mão do direito de tendência — inaceitável para a esquerda tradicional — e do debate necessário à construção de um projeto democrático, incompreensível para as elites oligárquicas. Que pergunta fazer a uma experiência que alguém já definiu como pós-comunista e pós-social-democrata, após um ano à frente do governo federal?

Há muitos anos, Bertolt Brecht perguntava aos companheiros do seu partido, bem diferente do nosso, mas que talvez nos tenham alguns dos nossos sonhos de agora: Mas quem é o partido? / Ele fica sentado em uma casa com telefones? / Seus pensamentos são secretos, suas decisões / Desconhecidas? / Quem é ele? / Nós somos ele. / Você, eu, vocês — nós todos. / Ele veste sua roupa, ca-

marada, e pensa com a sua cabeça! / Onde mora é a casa dele, e quando você é atacado/ Ele luta. / Mostre-nos o caminho que devemos seguir, e nós/ O seguiremos com você, mas / Não siga sem nós o caminho correto / Ele sem nós / É o mais errado! / Não se afaste de nós! / Podemos errar, e você pode ter razão, portanto / Não se afaste de nós!

Que o caminho curto é melhor que o longo, ninguém / Nega / Mas quando alguém o conhece / E não é capaz de mostrá-lo a nós, de que serve / Sua sabedoria? / Seja sábio conosco! / Não se afaste de nós!"

Talvez as questões de Brecht sejam pertinentes ainda hoje. Para refletirmos sobre a ferrugem burocrática que corrói a sensibilidade de alguns e a arrogância que conduz outros a se imaginarem portadores da verdade absoluta.

O movimento operário, berço do PT, tornou-se, nos anos 70, um novo sujeito social, até então imperceptível aos olhos de um país castigado por duas décadas de ditadura. Vivíamos um processo de refundação da esquerda no Brasil, no qual a realidade da classe operária era mais fecunda e



Lula na Vila Euclides, em São Bernardo, no ano de 1979

mais revolucionária que a capacidade teórica dos partidos da esquerda tradicional. Assim, o PT constituiu-se no estúdio de uma longa busca e atraiu uma multiplicidade de experiências da complexa rede de organizações populares, de grupos de intelectuais, de parlamentares de resistência do MDB, da esquerda clandestina e de militantes comunistas.

Mas há um aspecto pouco estudado as origens do PT: o 10 de fevereiro foi o encontro de várias gerações revolucionárias. Se nos anos 60, como lembra Daniel Aarão Reis, "A re-

volução faltou ao encontro", em 10 de fevereiro de 1980 ela compareceu, ainda que com o rosto modificado. O momento em que os companheiros Mário Pedrosa e Apolônio de Carvalho entraram no Colégio Sion, sob o aplauso comovido dos militantes, é um símbolo precioso de que os brasileiros tiveram o privilégio de não perder o laço entre as diferentes gerações de lutadores revolucionários.

Nas últimas décadas, a despeito das políticas neoliberais que enfraqueceram e desmobilizaram os movimentos sociais, o PT cresceu e um proces-

so eleitoral inédito, elegeu Luiz Inácio Lula da Silva presidente da República. Mas não podemos negar que somos, a cada dia, acusados pela esfinge do Estado brasileiro, assentada sobre os alicerces da exclusão social. Uma esfinge de cinco séculos, com sua enorme capacidade de destruir a sangue e fogo ou de digerir imperceptivelmente as mais autênticas e autônomas formas de organização social e política dos excluídos.

A medida que avançamos neste território hostil, não podemos deixar de ter os olhos atentos para escapar do deslumbramento e da sedução da esfinge. Esse é o significado último da proposta de fazer do combate à fome a prioridade do governo.

Talvez a pergunta que devemos fazer a nós mesmos agora seja: Qual o papel do PT diante de um governo firmado sobre uma aliança de centro-esquerda para conduzir uma transição que as elites não conseguiram ou não desejaram realizar?

* O poeta Pedro Tierra é Hamilton Pereira, presidente da Fundação Perseu Abramo



Ato de fundação do PT, no Colégio Sion, em SP, em 1980



Passateia realizada durante a campanha eleitoral de 2002



Comício em Fortaleza, durante campanha eleitoral de 1989



Comício em Belo Horizonte durante a campanha de 2002

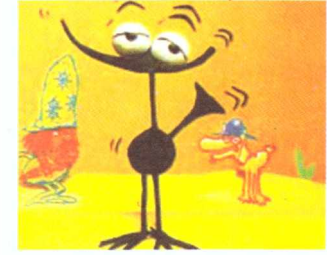


Encerramento da Convenção Nacional do PT em 2002

das à Assembleia Nacional Constituinte, na qual desempenha papel destacado na ampliação dos limites da nova Constituição, promulgada em 1988.

1987 O partido realiza seu 5º Encontro e define as bases do programa democrático-popular que então norteará os rumos do PT.

1988 4 de Janeiro — Morre no Rio de Janeiro o jornalista e cartunista Henfil, que ficou conhecido por seu combativo e alegórico humor gráfico, fazendo da



crítica uma arma de resistência e combate ao sistema político do país.

Nas eleições deste ano, o PT obtém um crescimento espetacular, conquista 33 prefeituras, três das quais de importantes cidades brasileiras — São Paulo, Porto Alegre e Vitória —, e elege cerca de mil vereadores em todo o país. 22 de dezembro — O líder senaiqueiro Chico Mendes é assassinado por grileiros em Xapuri, no Acre.

1989 Lula disputa a Presidência da República, na primeira eleição direta desde 1964. Nesse cenário, o PT desperta um grau inédito de interesse e politização popular. Adesivos de carros e bandeiras vermelhas ilustram o engajamento popular na campanha. Lula

chega ao segundo turno e conquista 31 milhões de votos contra o candidato das elites, Fernando Collor. Lula perde por uma pequena margem de votos (42,75% a 37,86%). O PT qualifica-se como o principal partido das esquerdas brasileiras.

1990 Julho — PT lança o Governo Paralelo, para fiscalizar as políticas do governo federal e propor alternativas viáveis. Novembro — PT elege seu primeiro senador, Eduardo Suplicy (SP), e eleva suas bancadas, agora compostas de 35 parlamentares federais e 81 estaduais.

1991 No Legislativo, o PT encabeça um pedido de CPI para investigar os escândalos do presidente Fernando Collor. O objetivo da CPI, presidida pelo PT por meio do deputado federal José Dirceu e

do senador Eduardo Suplicy, é assegurar o impeachment. Paralelamente, o PT encabeça uma forte campanha na sociedade pelo afastamento de Collor. 27 de novembro — O 1º Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores aprova a cota de 30% para mulheres nos cargos de direção do partido.

1992 Setembro — É pedido o impeachment do presidente Collor. Novembro — Nas eleições municipais, o PT se reelege em Porto Alegre e con-



quista as prefeituras de mais duas capitais: Belo Horizonte e Goiânia. Dezembro — Para escapar da condenação, Collor renuncia ao mandato, que é assumido pelo seu vice, Itamar Franco.

1993 Março — PT realiza nacionalmente seu primeiro plebiscito interno para decidir sobre a forma — república — e o sistema de governo — presidencialismo — no Brasil. Como resultado do plebiscito, sai vitoriosa a posição interna do partido. Abril — O PT assume a tarefa de realizar a 1ª Caravana da Cidadania, comandada por Lula. Parte de Garanhuns (PE) com destino a Santos (SP), para percorrer 6 Estados em 25 dias e, ao final, revelar o retrato do país.

Outubro — Nasce a Central de Movimentos Populares (CMP), mais um momento marcante na trajetória da luta popular no país.



1994 2 de março — O conservadorismo prepara-se para lançar a candidatura de FHC e monta uma poderosa coalizão entre PSDB, PFL e PTB. 13 de maio — O bloco popular e democrático, com Lula à frente, forma a Frente Brasil Popular, com PT, PSB, PCdoB, PCB, PPS e PSTU. Pesquisas eleitorais dão conta de que Lula é imbatível. Logo, as classes dominantes se reúnem para impedir sua vitória.

Com a palavra, militantes históricos

Em 2002, o Partido dos Trabalhadores conquistou o voto do povo brasileiro e elegeu Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República. Hoje, passados 24 anos de história ativa que o partido completa neste dia 10 de fevereiro, "sementes bem-intencionadas", parafraseando Henfil, que pensaram e pensam o partido, destacaram especialmente para esta edição alguns dos momentos que formaram o PT.

A importância histórica do PT é sua atitude de "desbravamento e sementeira" na visão de um de seus fundadores e hoje ministro das Cidades, Olívio Dutra.

"Havia paciência, mas muita firmeza, e nosso pensamento sempre foi trabalhar respeitando a história dos partidos de esquerda, os movimentos sociais; o PT não iniciou nada sozinho, mas foi, somente, mais um passo", diz.

Para o deputado federal Devanir Ribeiro, que foi o primeiro secretário de Organização do PT, o partido se consolidou por ter conseguido "reunir o que havia de melhor na esquerda brasileira". "O importante foi que o PT se nacionalizou. Foram 24 anos de vitórias", avalia.

Durante o Congresso dos Petroleiros Baianos, em 1978, Lula pensou, pela primeira vez, na ideia de criar o PT. Quem lembra é Jaques Wagner, participante do Movimento Pró-PT e, hoje, ministro da Secretaria Especial do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social. Para Wagner, fundar o PT, "seja pela costura política ou pela beleza do ato, marcaria a característica do partido: a ousadia

de pensar a possibilidade de um Brasil para todos".

Membro do primeiro Diretório Nacional, o hoje vice-prefeito de São Paulo, Hélio Bicudo, recorda os caminhos percorridos, primeiro no Estado de São Paulo, em 1982, quando concorreu ao governo como vice de Lula. "Na campanha, Lula conseguiu mostrar que se tratava de um novo partido", ressalta. Outro cenário histórico, para Bicudo, foi a campanha presidencial de 1989, quando foi com Lula "aos grotes do país para levar a mensagem do PT".

"Havia paciência, mas muita firmeza, e nosso pensamento sempre foi trabalhar respeitando a história dos partidos de esquerda, os movimentos sociais; o PT não iniciou nada sozinho, mas foi, somente, mais um passo", diz.

Para o deputado federal Devanir Ribeiro, que foi o primeiro secretário de Organização do PT, o partido se consolidou por ter conseguido "reunir o que havia de melhor na esquerda brasileira". "O importante foi que o PT se nacionalizou. Foram 24 anos de vitórias", avalia.

Para este militante ilustre, "em cada petista há duas personalidades políticas complementares: a de um brasileiro e a de um socialista. (...) O brasileiro da dupla se inclina para a solução imediata dos problemas do país, independente de ideologias; o socialista se inclina para a transformação da sociedade no sentido dos seus ideais. Compete ao partido uma vigilância constante para que ele (o governo) não esqueça o socialista."

"Foi provavelmente a mais vasta mobilização social e política da história do Brasil. Na campanha das Diretas Já, a sociedade civil tornou-se su-

jeito ativo, protagonista da nossa vida política, condição que não mais perderia e que representou um tremendo salto de qualidade para a democracia brasileira, fundamental para as conquistas populares que se seguiriam", destacou.

Lélia Abramo, atriz e histórica militante do PT, diz que o partido surgiu como uma necessidade, embora não com expectativa — dentro de um sentido político ou ideológico", afirmou Lélia.

"O surgimento de um partido como o PT era uma necessidade de transformação, de redução das diferenças entre as camadas da sociedade. Creio que, hoje, todos nós do PT precisamos apoiar Lula."

Analisando o presente, outro fundador histórico, o crítico literário Antonio Cândido, diz que o partido "alterou posições para se ajustar ao ritmo da história, deixando de ser um partido apenas da classe operária, mas mantendo em primeiro plano os interesses do trabalho."

Cândido diz que o PT tenta cumprir um compromisso essencial de preparação das bases da democracia de fato, "a que assegura a igualdade social e econômica."

Para este militante ilustre, "em cada petista há duas personalidades políticas complementares: a de um brasileiro e a de um socialista. (...) O brasileiro da dupla se inclina para a solução imediata dos problemas do país, independente de ideologias; o socialista se inclina para a transformação da sociedade no sentido dos seus ideais. Compete ao partido uma vigilância constante para que ele (o governo) não esqueça o socialista."

Apolônio: partido soube esperar

Ele emprestou sua coragem ao povo espanhol, durante os sangrentos anos da Guerra Civil (36-39). Na década de 40, engajou-se na Resistência Francesa contra o nazismo. De volta ao Brasil, na clandestinidade, recomeçou sua militância, opondo-se com vigor ao regime militar. Já em fevereiro de 1980, Apolônio de Carvalho estava presente no Colégio Sion, em São Paulo, para fundar o PT. "A surpresa da criação do PT naquele início dos anos 80 não foi apenas pela organização de um novo partido formado por trabalhadores, mas sobretudo pelo salto de qualidade no movimento social, que passou a olhar o poder político e ganhar condições de se instalar nele", recorda-se.



Apolônio de Carvalho

Entre a fundação do partido e a conquista do Poder Executivo nacional — os dois principais momentos da história do partido, conforme afirma —, Carvalho destaca ainda o fim dos anos 80, quando o PT multiplica seus quadros no Executivo e no Legislativo. "A voz das urnas se une à

voz das ruas e começa-se a concretizar os caminhos de uma sociedade pós-ditadura, e o trabalhador passa a ter condições de se projetar no plano da cidadania."

Hoje, aos 92 anos, o combatente internacional das causas libertárias avalia que a marca do PT, nesses 24 anos de vida, é sua capacidade de buscar abrangência e tomar, como critério-chave, o debate. Acima de tudo, diz, foi "saber esperar e não ter impetos". Para ele, o desenvolvimento se faz entre mudanças gradativas e conquistas parciais. "Nada se faz de um momento para o outro. É preciso aceitar elementos de transição e saber unir forças para ajudar a sociedade a assimilar o novo."

1998 4 de outubro — FHC vence no primeiro turno as eleições presidenciais, com 35,9 milhões de votos, contra 21,4 milhões de Lula. O PT elege governador no Acre, em Mato Grosso do Sul e no Rio Grande do Sul, além de sete representantes no Senado, 60 deputados federais e 90 estaduais.

1999 Agosto — Realização da "Marcha dos 100 mil pelo Brasil", contra as políticas neoliberais e numa declarada oposição popular a FHC. 30 de outubro — A prefeita Dorcelina

Folador (PT-MS) é assassinada em Mundo Novo. Novembro — O PT realiza seu 11º Congresso, quando aprova o "Programa da Revolução Democrática". Chapa Lula-Brizola é aprovada para as eleições de 1998.

bloco de forças políticas para substituir, no governo, as elites atuais.

2000 Outubro — Nas disputas eleitorais, o Partido dos Trabalhadores impõe uma exemplar derrota ao governo FHC e ao bloco conservador: conquista 187 prefeituras e 131 vice-prefeituras e faz 2.485 vereadores no país. Comparado aos resultados de 1996, o PT tem um crescimento de 51,2%. Das 62 maiores cidades do Brasil, que concentram cerca de 30% da população, o PT está à frente de 17 administrações.





Lula e Marisa desfilam pela Esplanada dos Ministérios diante de milhões de pessoas, após cerimônia de transmissão da faixa presidencial, no dia 1º de janeiro de 2003

O PT hoje

INOVAÇÃO PROGRESSISTA EXPLICA CRESCIMENTO DO PARTIDO

A inovação progressista e democrática na cultura política do país é a explicação para a curva ascendente do PT nas administrações municipais. A opinião é do secretário nacional de Assuntos Institucionais do PT (Snai), Paulo Ferreira.

A partir da eleição de 1988, o PT, que tinha apenas uma prefeitura, salta para 36 eleitos, inclusive em capitais. Hoje, o partido administra 201 municípios, além de estar na vice-prefeitura de outros 134. A curva ascendente se repete no número de parlamentares municipais, estaduais e federais.

Organização

A partir do processo de eleições diretas implantado pelo partido em 2001, foi possível verificar que o PT estava organizado em 2.504 municípios brasileiros, com seus diretórios constituídos, o que representa um percentual de 45% sobre o total dos 5.561 municípios. Estes números continuam crescendo, como revela a decisão da direção nacional de comprar cinco mil computadores para informatizar todos os diretórios constituídos.

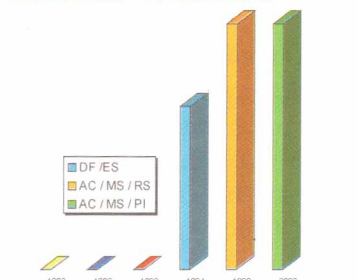
A consolidação da organização do partido, que conseguiu cadastrar cerca de 600 mil filiados, até agora, tem se refletido em sua inserção social e na eleição de parlamentares e governantes. A evolução dos números (veja os gráficos ao lado) tem revelado uma constante de duplicação da força do partido no âmbito legislativo e administrativo.

Aos dois anos de idade, ainda durante o regime militar, o PT já elegia prefeitos em duas cidades brasileiras: San-

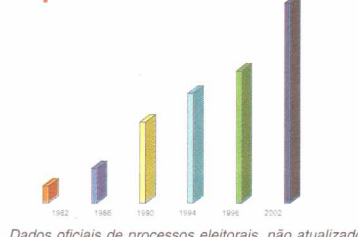
Prefeituras



Governos estaduais



Deputados federais

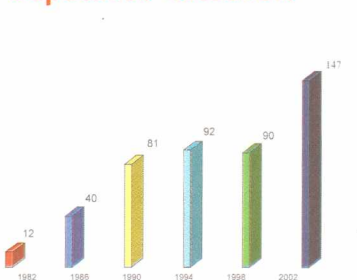


Dados oficiais de processos eleitorais, não atualizados com as recentes adesões e desfiliações

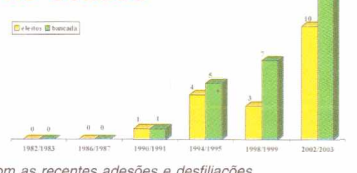
Vereadores



Deputados estaduais



Senadores eleitos e bancada petista no Senado



ta Quitéria, no Maranhão, e Diadema, no ABCD paulista, região industrial em que o PT se projetou nacionalmente pela luta sindical. De lá para cá, a gestão petista de cerca de 30 milhões de habitantes, em 201 cidades, se tornou referência internacional em políticas públicas inovadoras.

O PT tem constituído uma bancada de parlamentares influente e respeitável em câmaras e assembleias legislativas de todo o país, rompendo preconceitos e tradições conservadoras. Diferente de tantos derivados do MDB e da Arena, o PT emergiu com um conteúdo político novo e distinto dos demais.

Para o secretário de Assuntos Institucionais do PT, esta característica foi responsável pelo avanço eleitoral, em apenas cinco anos, de mais de 10% de votos em candidatos petistas.

Inovações

De acordo com Ferreira, a partir de 88, o PT começou

a romper com as práticas clientelistas de outros partidos e a defender o que é público de forma transparente, com a implementação do Orçamento Participativo.

Ele explica que, para 2004, o PT insiste neste acúmulo, acrescido de três outros eixos: a questão do desenvolvimento local "à luz do projeto nacional", a ampliação dos direitos do cidadão, além da inclusão digital e a qualificação profissional, para prestação de melhores serviços.

Há fortes indícios para uma expectativa de crescimento do PT nas eleições municipais de 2004. Ferreira cita o número recorde de candidatos a prefeitos (mais de 3.000) e a compreensão de que o PT pode ser considerado hoje um partido popular, "por dialogar com muitos outros setores além daqueles que lhe deram origem". "A novidade de estar no governo federal deve ser um fator a alavancar as eleições locais", acrescentou o petista.

Fala, militante!

Militantes de várias partes do país foram convidados a formular perguntas sobre o novo momento que o PT vive como partido do governo federal. Todas elas foram respondidas pelo presidente nacional do PT, José Genoino. As perguntas e respostas foram gravadas no vídeo "O PT faz história", produzido pela Secretaria Nacional de Formação Política do PT. Leia trechos da entrevista.

Qual a estratégia da direção nacional para que o PT não passe a ser somente um partido de governo, mas permaneça a ser um partido da sociedade? (Charles da Silva — Rio Branco/AC — funcionário público)

Genoino — O PT é coerente com o princípio de que todo poder nasce do povo e só pode ser exercido em nome dele ou diretamente por ele. O PT é governo, mas sem se misturar com o governo, ou seja: o partido apóia o governo, mas pode tensionar, negociar e sugerir propostas até diferentes das do governo.

O que o partido está pensando para a formação de novos quadros? (Lúcia da Silva — Belo Horizonte/MG — cabeleireira)

Genoino — A formação tem que ter enraizamento muito grande na prática, nas necessidades da nossa militância, no movimento social, nos governos, no parlamento, na oposição. Não pode ser uma formação solta, abstrata. Tem que dar resposta a problemas concretos, e é assim que temos que atualizar nossa formação. Formação e comunicação, para nós, é dizer a verdade — e o PT tem as suas verdades para

dizer, como suas experiências administrativas, a história dos seus quadros, as experiências agora com o governo do presidente Lula —, porque, assim, ganhamos os corações e as mentes das pessoas.

Quais são as políticas dentro do PT para aproximar os diretórios municipais e estaduais da direção nacional? (Lucilene Nogueira — Icapuí/CE — funcionária pública)

Genoino — Alguns Estados têm experiências positivas nesse sentido, criando coordenações regionais por áreas que se identificam, unindo diretórios e militância por meio de plenários. A direção nacional está elaborando um plano de informatização do PT para que haja uma comunicação em tempo real entre as esferas do partido. Se os diretórios não forem fortalecidos, teremos uma capacidade de influência diminuída. Além disso, achamos necessário um plano de apoio material aos diretórios, e vamos discutir isso tanto na Executiva como no Diretório Nacional.

Como o PT, que agora é governo, deve se relacionar com os movimentos sociais? (Jaime Santiago — Rio de Janeiro/RS — metalúrgico)

Genoino — Nós só podemos fazer mudança no Brasil se tivermos força no governo e, ao mesmo tempo, na sociedade. O movimento social é fundamental para o processo de mudança. Os movimentos sindical, dos sem-terra, da juventude, estudantil, das mulheres e dos sem-teto têm que ter autonomia, devem ter sua própria direção, seu próprio programa, devem reivindicar, pressionar, exigir. Mas, assim



como o movimento social deve ser autônomo e tem que ser respeitado, também tem que ter uma relação política madura e forte com o governo e com o partido, para que esses laços não se quebrem.

Demos o primeiro passo — ganhar o governo —, o que é um avanço muito grande. Daqui para a frente, qual a estratégia para que o governo seja realmente dos trabalhadores? (Francisco Bezerra — Icapuí/CE — funcionário público)

Genoino — Nós demos o maior passo da história desse país, que foi eleger o Lula à Presidência. O que é que temos que fazer agora? Realizar, nos quatro anos, nosso programa de mudança. Para isso, é preciso, às vezes, caminhar no fio da navalha, porque não temos força nem condições para andar na velocidade que às vezes nós gostaríamos de andar. E o governo já está mudando, alterando o poder econômico, resolvendo grandes desafios históricos, como a justiça social com inclusão social, geração de empregos, geração de oportunidades, realização da reforma agrária, programas como o Primeiro Emprego, o Fome Zero. Não vamos chegar ao ideal de um dia para outro. Esse ideal tem que ser feito a cada dia, a cada decisão, a cada gesto, a cada ato do nosso governo.

2001 10 de setembro — Assassinado o prefeito de Campinas **Antonio da Costa Santos**, o **Toninho do PT**.

Indignada, a população da cidade companha o enterro, que reúne 100 mil pessoas.

Dezembro — O 12º Encontro Nacional do PT, em Recife, coroa uma iniciativa inédita da história política brasileira. Em cumprimento da decisão do 2º Congresso, o Diretório Nacional aprova um novo Estatuto com importantes medidas, como a inovação na escolha das direções, por meio de eleições diretas (PED), e a instituição da Carteira Nacional de Filiação.

2002 18 de janeiro **Celso Daniel**, coordena-

dor do programa de governo do PT para o Brasil, prefeito de Santo André, reeleito em 2000 para o terceiro mandato, é barbaramente assassinado, dias depois de ser vítima de um seqüestro.

22 de junho — Morre **Carlito Maia**, publicitário, fundador do PT e autor de memoráveis slogans e campanhas para o PT, como o "oPTei".

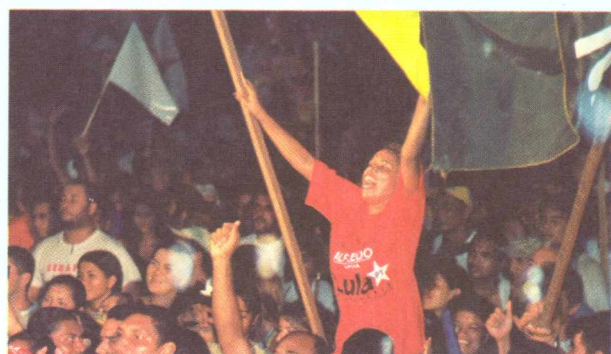
Outubro/Novembro — Passados 13 anos da primeira campanha do PT à Presidência, Lula vence nos dois turnos. Foram 52,79 milhões de votos no segundo turno — a maior votação obtida para a Presidência da República no Brasil e a segunda maior atribuída a um candidato em todo o mundo. Nessa eleição, o PT torna-se o maior partido do país. Elege a maior bancada federal — 91 deputados —, duplica sua presença no Senado — de 7 para

14 —, salta de 92 para 147 em número de deputados estaduais, reelege Jorge Viana (AC) e Zeca do PT (MS) e elege Wellington Dias (PI).

2003 O PT governa o Brasil. O governo do presidente Lula consegue maioria no Congresso para aprovar as reformas da Previdência e tributária; retoma a estabilidade econômica; cria os programas Fome Zero e Bolsa Família; abre novas

possibilidades comerciais com países em desenvolvimento e países desenvolvidos; sanciona o Estatuto do Desarmamento e do Idoso

2004 Janeiro — Presidente Lula anuncia uma reforma ministerial que integra o PMDB e unifica os programas sociais em uma só pasta. Mudança visa a ampliar a sustentação ao governo e agilizar seu gerenciamento.



EXPEDIENTE

PTnotícias

ÓRGÃO DO DIRETÓRIO NACIONAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

PRESIDENTE NACIONAL DO PT
José Genoino

SECRETÁRIO NACIONAL DE COMUNICAÇÃO
Sílvia Pereira

EDIÇÃO
Priscila Lambert - MTb 31085

REDAÇÃO
Claudio Cezar Xavier, Vladimir Braga e Walter Venturini

DIAGRAMAÇÃO
Sandra Luiz Alves

APOIO ADMINISTRATIVO
Rodrigo Zamprogna

ILUSTRAÇÕES
Alcy, Angeli, Chico Caruso, Henfil, Jota, Maringoni e Vicente Mendonça

FOTOS
Agência Brasil, Jesus Carlos/Imagemlatina, Luiz Granzotto, Maria José da Silva, Olívio Lamas e Pulsar Imagens

SEDE

Rua Silveira Martins, 132
São Paulo, SP CEP 01019-000
Tel.: (11) 3243-1313
Fax: (11) 3243-1349
E-mail: ptnot@pt.org.br
Página na internet: www.pt.org.br

Tiragem: 12.000 exemplares
Fotolitos e impressão: Gráfica King